

PROVOCAÇÕES DE ANA MENDIETA: O CORPO E A NATUREZA COMO OBJETOS DE ARTE

ANA MENDIETA'S PROVOCATIONS: BODY AND NATURE AS ART OBJECTS

Isabella Rechecham da Silva

Aluna de Licenciatura em Artes Visuais/UFPel
isah.sis2@hotmail.com

Caroline Leal Bonilha

Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPel
bonilhacaroline@gmail.com

RESUMO

Embora tenha vivido por muitos anos nos Estados Unidos, onde estudou e reconheceu-se como artista, Ana Mendieta nasceu em Havana, capital de Cuba, no ano de 1948. Foi em meio ao regime de Fidel Castro que, em 1961, Ana, juntamente com sua irmã, foi enviada para os Estados Unidos, onde permaneceu exilada como parte de um programa financiado pelo governo. O deslocamento e o exílio, assim como as diferenças culturais e o contato com o novo, contribuíram diretamente para a criação de sua identidade artística. Ana Mendieta aborda, em muitas de suas obras, questões relacionadas à sua ligação com o espaço físico e a natureza, assim como reflexões acerca do conceito de pertencimento, mesclando elementos e costumes culturais vivenciados por ela em Cuba e nos Estados Unidos. Além disso, alguns de seus trabalhos podem ser considerados extremamente provocativos; através de diversas manifestações contemporâneas – performances, body art, vídeos – e utilizando seu próprio corpo como objeto de arte, a artista expõe inúmeras questões vinculadas ao feminismo e à representação do corpo feminino. Assim, considerando as experiências e vivências da artista e os principais temas abordados em suas obras, é possível traçar um paralelo entre esses assuntos e explorar também os conceitos de território, identidade, corpo e cultura.

Palavras-chave: Arte. Corpo. Natureza. Identidade. Território.

ABSTRACT

Although she lived in the United States for many years, where she has studied art and recognized herself as an artist, Ana Mendieta was born in Havana, capital of Cuba, in 1948. It was in Fidel Castro's regime that in 1961, Ana and her sister was sent to the United States, where she remained exiled as part of a government program. The exile, as well as cultural differences and their effects, has contributed directly to created her own artistic identity. In most of her works, Ana Mendieta exposes her connections with physical space and nature, as well as approaches reflections about the concept of belong, merging cultural elements experienced by her in Cuba and the United States. Besides that, some of her works may be considered extremely provocative; through several contemporary media – performances, body art, videos – and using her own body as an art object, the artist exposes issues related to feminism and the representation of the female body. Therefore, considering her experiences and the main themes of her works, it is possible to create a connection between these subjects and also explore the concepts of territory, identity, body and culture.

Keywords: Art. Body. Nature. Identity. Territory.

Introdução

Ana Mendieta foi uma artista cubana de grande importância para a arte contemporânea na década de 70. Utilizou, ao longo de sua carreira artística, os mais diversos suportes para criar e expor sua arte, dentre os principais estão a escultura e a performance, ambos intimamente ligados ao conceito de *body art* e, quase sempre, registrados por meio da fotografia. A artista buscava relacionar às obras suas próprias experiências, seu corpo e sua forte ligação espiritual com os elementos da natureza, de forma que, em determinados momentos, podemos considerar sua arte como sendo autobiográfica.

Por tratar-se de uma artista latino-americana que possui uma trajetória marcada profundamente pelas diferenças culturais, encontramos ainda, em grande parte de suas obras, inúmeras referências e elementos das mais diversas culturas e civilizações, como se buscasse, por meio de suas criações, a familiarização ou o resgate à essas culturas.

Também recebem destaque em suas obras questões vinculadas ao feminismo e à violência contra à mulher. Por meio de performances chocantes, a artista conseguiu desenvolver verdadeiras denúncias aos abusos sofridos pela mulher na sociedade da época, abusos que ainda ocorrem na sociedade atual. Assim, é possível afirmar que os registros e as obras da artista apresentam um caráter atemporal e mostram-se igualmente brutais e importantes ainda nos dias de hoje.

Identidade e poética a partir do desconhecido

Em 1961, aos doze anos de idade, Ana Mendieta é exilada em Iowa, nos Estados Unidos e, longe de sua família, constrói sua própria identidade cultural e artística, com elementos vivenciados por ela anteriormente em Cuba, seu país de origem, e os novos elementos aprendidos no país estrangeiro. Além das dificuldades geradas pelas diferenças culturais e linguísticas, Ana passou por um campo de refugiados e diversas instituições até reunir-se novamente com sua mãe, seis anos mais tarde. Reestabeleceu o contato com seu pai que, por opor-se ao regime de Fidel Castro ficou anos em prisão política, somente aos trinta e um anos de idade.

É a partir de tais barreiras, experiências complexas e sentindo-se profundamente afetada pelo sentimento de deslocamento, que Ana dá início à sua relação com a arte, onde enxerga a possibilidade de conectar-se (corpo) verdadeiramente com um lugar (terra). Em entrevista, publicada originalmente no livro *Performance artists talking in the eighties* (2000), de Linda Montano, traduzida e republicada no Guia da 27ª Bienal de São Paulo (2006), a artista revela alguns dos sentimentos gerados pela mudança:

“Vim de Cuba para os Estados Unidos aos 12 anos de idade. Minha irmã e eu estávamos sozinhas, não falávamos inglês e nos colocaram num orfanato católico dirigido por freiras, em Iowa. Foi uma experiência arrasadora, pois me senti distante de tudo e absolutamente deslocada. Foi um choque cultural. Assim, a tentativa de encontrar um lugar na terra e de definir-me surgiu daquela experiência de descobrir diferenças. Em 1973 realizei meu primeiro trabalho numa tumba asteca invadida por ervas daninhas e mato – o crescimento daquelas plantas me levou a lembrar do tempo. Comprei flores no mercado, deitei-me sobre a tumba e cobri-me com flores brancas. A analogia era a de que estava coberta pelo tempo e pela história.” (MENDIETA, 2006, p.26)



Figura 1 **Ana Mendieta**, *Imagem de Yagul* (da série *Siluetas*), fotografia, 1973.
Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

Experiências – o corpo como objeto de arte

O trabalho (Figura 1) referenciado por Ana Mendieta em entrevista, considerado por ela um dos primeiros de cunho artístico, faz parte de uma das séries de fotografia mais extensas da artista. Chamada de *Silueta*, a série conta com cerca de 200 fotografias realizadas entre 1973-78, no México e nos Estados Unidos, onde a artista utiliza o próprio corpo para criar silhuetas em meio à natureza e seus vários elementos, considerando sempre sua ligação pessoal com a terra, a efemeridade da presença humana e as simbologias que envolvem o corpo feminino.

Chamadas também de “*esculturas de terra-corpo*” (*earth body art*), essas intervenções na natureza são extremamente efêmeras, pensadas e executadas para sobreviverem apenas na fotografia. A maior parte das silhuetas foram criadas a partir de materiais orgânicos, ligados aos elementos da natureza, assim, a artista utilizou galhos, pedras, folhas, flores, barro, areia, água e até mesmo fogo (Figura 2) para obter os resultados desejados.



Figura 2: Ana Mendieta, Hojas Rojas Silueta (da série *Silueta*), fotografia, 1977.
Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.



Figura 3: **Ana Mendieta**, *Sem título* (da série *Siluetas*), fotografia, 1978.
Fonte: Solomon R. Guggenheim Museum, Nova Iorque.

As silhuetas que foram projetadas na areia ou próximas ao mar, apresentam de forma ainda mais evidente o conceito de uma presença inconstante, quase como se a artista buscasse expor o esquecimento de sua identidade após a extinção da obra. Conforme as ações da natureza – o vento, o movimento da água – trabalhavam, as marcas deixadas pela artista ficavam cada vez menos visíveis, tornando-se, em determinado momento, apenas uma lembrança, perpetuada exclusivamente pelo registro fotográfico.

Considerando sua trajetória, é possível afirmar ainda que esse forte desejo por ligar-se à terra ocorria devido ao desligamento prematuro com seu país de origem e sua cultura; existir em meio à paisagem era como dizer que esteve ali e, por isso, tornou-se parte do lugar. Ao fazer-se presente como parte dos cenários naturais, marcando-se na terra/areia, remete-nos também ao ato de reivindicar posse, muito semelhante aos animais que, para delimitar seu território, precisam marcá-lo de alguma forma.

A respeito de suas esculturas corporais, a artista afirmou:

“Eu tenho criado um diálogo entre a paisagem e o corpo feminino (baseado em minha própria silhueta). Acredito que tenha sido resultado direto de ter sido arruinada da minha pátria (Cuba) durante minha adolescência. Sou sobrecarregada do sentimento de ser expulsa desde o ventre (da natureza) para a luta. Minha arte é a maneira que eu reestabeleço os laços que me unem ao universo. É o retorno à fonte materna. Através das esculturas do corpo, eu me torno um com a Terra. Eu me torno extensão da natureza e a natureza se torna uma extensão do meu corpo.” (MENDIETA, 1981, p.10)

Das silhuetas desenvolvidas no México, é possível estabelecer ainda uma ligação entre o local em que foram realizadas, as tradições pertencentes às culturas mesoamericanas e a forte relação da cultura mexicana com a morte. De certa forma, a artista parece reestabelecer, por meio dessas obras, conexões com elementos culturais pertencentes às antigas civilizações pré-hispânicas, esquecidas após a chegada de Colombo.

Todas as esculturas de terra-corpo foram documentadas pela artista com slides de cor de 35mm, em impressões únicas, além disso, registrou-as também em um filme mudo de cor super-8, chamado de *Siluetas del Laberinto* (1974) e produzido em Yagul, no México.

A ancestralidade como inspiração

Após ter concluído os seus estudos em artes na Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, a artista passou a explorar novos meios de produção, fato que mostrou-se evidente após sua participação no programa de arte *Intermedia*, ofertado na mesma universidade pelo artista Hans Breder, conhecido por seus trabalhos fotográficos envolvendo o uso do corpo.

Foi em meio às viagens ao México, com o grupo do programa *Intermedia*, que a artista reconheceu sua herança cultural indígena, cubana e europeia, passando a estabelecer uma forte ligação entre elas. Tal ligação, embora já percebida em sua série *Siluetas*, apresenta maior força quando a artista decide atribuir à sua arte conceitos relacionados aos rituais afro-caribenhos, à magia e o poder da natureza.

Pensando nessa relação com a ancestralidade e com a religião – tema de muito interesse para a artista –, em especial a Santería¹, é possível citar duas de suas obras mais marcantes:

A primeira é a performance *Death of a Chicken* (1972), em que a artista aparece nua segurando uma galinha recém decapitada, enquanto o animal convulsiona, o sangue é jorrado no corpo da artista, cobrindo principalmente seus pés e a parede branca ao fundo.

A segunda, *Blood and Feathers #2* (1974) (Figura 4), é um filme de três minutos e meio que documenta a performance da artista. Gravado no filme super-8 e em slides de 35mm, mostra a artista nua novamente, desta vez em frente à água de um riacho; ela olha

¹ Religião afro-caribenha nascida na região da Nigéria e levada até Cuba por meio dos escravos

diretamente para a câmera e levanta um frasco contendo um líquido avermelhado, logo depois derrama todo o conteúdo do frasco por seu peito, estômago, pernas e braços. Depois de lançar o frasco vazio ao chão, “mergulha” em penas brancas dispostas à sua frente, onde movimentase para frente e para trás, como forma de aderir as penas a seu corpo. Com o corpo coberto, levanta e permanece numa posição semelhante a de um pássaro.



Figura 4: **Ana Mendieta**, fragmento do filme *Blood and Feathers #2*, 1974.
Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

A utilização da imagem do animal, no caso a galinha, e o uso em comum dos materiais – o sangue, as penas e o corpo feminino – em ambas as performances parecem fazer referência a rituais religiosos e ao ato de sacrifício. De certa forma, ao tomar o papel do animal, em *Blood and Feathers #2*, a artista apresenta-se como a vítima dos sacrifícios, o ser que perde a vida e dá lugar à uma nova. Em contrapartida, ao fundo do cenário está presente a água, comumente associada à vida e à ideia de nascimento, como na icônica pintura renascentista *O Nascimento de Vênus* (1484), de Botticelli.

Além disso, o sangue, também presente em ambas as performances, parece simbolizar duas significações ligadas à identidade da artista. Para a Santería, religião admirada por

Mendieta, é parte vital obtida através do sacrifício. Para o Catolicismo, religião seguida pela artista, também apresenta forte simbolismo, sendo utilizado muitas vezes como metáfora.

É importante ressaltar que, pela presença de elementos ambíguos, nenhuma das performances deve ser vista como se possuísse apenas um significado literal e concreto, as leituras destacadas aqui baseiam-se apenas no contexto histórico-cultural e nas experiências vividas e expostas pela artista.

As provocações e denúncias

Embora as performances mais famosas da artista sejam ricas em simbologias e temas, à primeira vista, podem parecer desagradáveis e provocar certo desconforto aos espectadores mais sensíveis. Em suas obras são recorrentes temas controversos, polêmicos e até mesmo chocantes que, muitas vezes, estão associados à críticas e reflexões mais profundas. De certa forma, a interpretação de suas obras se dá de forma muito mais simplificada quando observamos melhor o contexto em que vivia a artista, suas constantes mudanças e ligações com o ambiente.

Um dos elementos mais retratados pela artista é o da figura feminina, quase sempre associada à violência física e psicológica e aos abusos sofridos pela mulher na sociedade. Além de subverter a imagem feminina imposta na época, a artista explorava o lado obscuro da vida da mulher, expondo temas que ainda se fazem presentes nos dias de hoje.

Sempre utilizando o corpo feminino e a nudez como um ato político, ao longo de sua carreira como artista, pareceu ligar-se cada vez mais com as questões que abrangem o feminismo e a imagem da mulher. Sendo a primeira mulher a estabelecer-se em uma galeria de arte nos Estados Unidos, a *A.I.R Gallery*, teve a oportunidade de trabalhar com diversas artistas mulheres na frente da era do movimento feminista.

Das obras mais conhecidas da artista que retratam a violência contra a mulher, é possível citar *Rape Scene* (1973) (Figura 5) como uma das mais chocantes. A performance foi realizada após um acontecimento trágico, o estupro e assassinato de uma estudante da Universidade de Iowa, a mesma frequentada pela artista.

Como forma de sensibilizar seus colegas da violência sofrida pelas mulheres e promover uma discussão acerca do ocorrido, organizou em seu apartamento uma cena falsa de estupro; além de “destruir” parte do cenário, a artista cobriu-se com sangue e amarrou seu próprio corpo em uma mesa, colocando-se como a vítima. Seus colegas foram convidados a irem até o seu apartamento, onde depararam-se com a brutalidade da performance.



Figura 5: **Ana Mendieta**, *Sem título (Rape Scene)*, fotografia, 1973.
Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

Ainda sobre o tema e chocada com o ocorrido na universidade, desenvolveu mais uma série de performances e fotografias impactantes, onde representava, utilizando seu próprio corpo como objeto de arte, cenas de agressão contra a mulher.



Figura 6: **Ana Mendieta**, *Sem título*, fotografia, 1973.

Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

Em uma de suas fotografias, *Grass on Woman* (1972) (Figura 7), realizada um ano antes do estupro e assassinato de sua colega, observamos a exposição feminina e a crítica à violência sexual de forma muito mais sutil.



Figura 7: **Ana Mendieta**, *Sem título (Grass on Woman)*, fotografia, 1972.

Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

A “indústria da estética” e os padrões de beleza femininos

Em algumas de suas obras, a artista questiona também os efeitos da “indústria da estética” e os padrões de beleza exigidos para as mulheres. São inúmeras fotografias em que a

artista realiza diversas interferências estéticas, seja mudando apenas o penteado de seu cabelo ou alterando – muitas vezes até mesmo distorcendo – suas características físicas e a aparência de seu corpo, assim, observamos novamente, o corpo como o objeto principal de sua obra.

Para alcançar tais resultados, utilizou elementos e materiais comuns, como na série de fotografias *Cosmetic Facial Variations* (Figuras 8 e 9), em que a artista propõe uma *mudança facial cosmética* utilizando sabão, perucas e forçando diferentes expressões faciais para alterar a aparência natural de seu rosto.

Com o exagero de expressões e as drásticas mudanças faciais criadas pela artista, a série parece fazer referência ao constante descontentamento das mulheres em relação à própria aparência, gerado principalmente pelos padrões de beleza impostos pela sociedade que, frequentemente, levam as mulheres a realizar interferências em seus corpos, como é o caso das cirurgias plásticas.



Figura 8: **Ana Mendieta**, *Sem título (Cosmetic Facial Variations)*, fotografia, 1972. Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.



Figura 9: **Ana Mendieta**, *Sem título (Cosmetic Facial Variations)*, fotografia, 1972. Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

Já na série de fotografias *Glass on Body Imprints* (Figura 10), realizada no mesmo ano, a artista utiliza apenas placas de vidro transparente para criar distorções em seu corpo e rosto, um ato de rebeldia que subverte a ideia de um corpo feminino extremamente delicado e erótico.

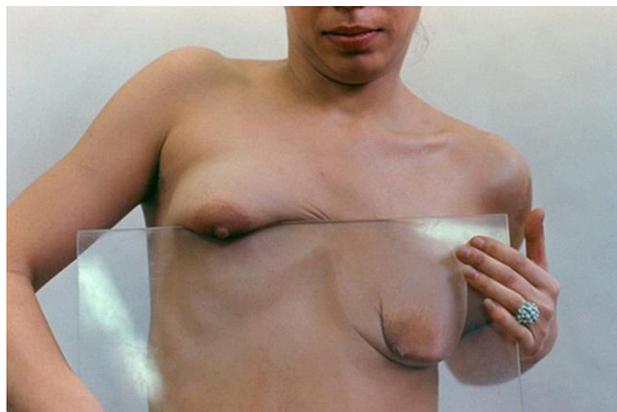


Figura 10: **Ana Mendieta**, *Sem título (Glass on Body Imprints)*, fotografia, 1972. Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

Ligação – natureza, corpo e arte

Passados alguns anos, a artista parece retomar sua forte ligação espiritual com a natureza e, mais uma vez, desenvolve uma série de obras utilizando como base o seu corpo e a aproximação do ser humano – mais especificamente da mulher – com a (mãe)terra, sempre utilizando materiais orgânicos e integrando o próprio espaço como parte essencial da obra.

Neste mesmo período encontramos uma de suas fotografias (Figura 11) mais famosas, conhecida como *Árbol de la vida* (1977), em que a artista, nua, tem seu corpo todo coberto por lama, folhas e outros materiais orgânicos, e é fotografada diante do tronco de uma grande árvore, como se estivesse camuflada e pertencesse ao cenário.

Dessa forma, Ana Mendieta parece revelar, mais uma vez, sua forte ligação com a terra, elemento essencial para a vida. Além disso, por meio do título, podemos observar as referências ao conceito de *árvore da vida*, para muitas culturas um símbolo sagrado de criação, fecundidade e imortalidade, podendo representar também a relação existente entre céu, terra e submundo (morte), temas frequentes em diversas obras da artista.

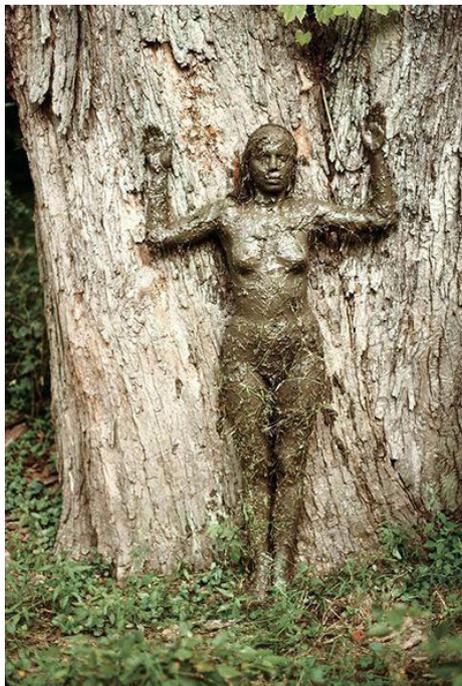


Figura 11: **Ana Mendieta**, *Sem título, (Árbol de la Vida)*, fotografia, 1977.
Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

Seguindo esses mesmos temas e a relação mulher-natureza, a artista desenvolve uma de suas últimas séries; consideradas esculturas rupestres possuem inúmeras semelhanças com seus trabalhos em *Siluetas*. As esculturas, criadas em 1981, são, em sua maioria, figuras femininas – facilmente identificadas pela representação definida da genital – de divindades pertencentes à cultura Taína, originária das antigas civilizações que habitavam a região do Caribe, que incluiu Porto Rico e Cuba. Os Taínos, indígenas que tiveram sua nação dizimada após a colonização, valorizavam a imagem e o poder do feminino em contato com a natureza, conceitos evidenciados constantemente nas obras de Ana Mendieta.

A artista esculpiu, ao longo das paredes de algumas das cavernas do *Parque Escaleras de Jaruco*, em Cuba, divindades como: *Maroya* (a Lua), *Guabancex* (a Deusa do Vento), *Bacayu* (a Luz do Dia), *Guanaroca* (a Primeira Mulher), entre outras.



Figura 12: **Ana Mendieta**, *Esculturas Rupestres*, filme super-8, preto e branco, 1981, Cuba.
Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque



Figura 13: **Ana Mendieta**, *Guanaroca (Esculturas Rupestres)*, 1981, Cuba.
Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

Com suas esculturas rupestres, foi capaz de proporcionar não só a valorização do poder e das forças sagradas femininas representadas, mas também da riqueza cultural de uma civilização já esquecida pela história. Além disso, evocando sua espiritualidade, conseguiu resgatar algumas de suas heranças culturais e reestabelecer a ligação com seu país de origem.

As últimas obras da artista, igualmente significativas, são esculturas em madeira realizadas entre 1983 e 1985. Além do suporte diferente – troncos de árvores –, desta vez a artista atribuiu às suas esculturas um formato de totem, onde foram criadas, utilizando pólvora para “queimar” e fazer os desenhos, diversas formas orgânicas, semelhantes à silhuetas e folhagens.



Figura 14: **Ana Mendieta**, *Sem título*, (da série Totem Grove) escultura em madeira e pólvora, 1983-85.
Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.



Figura 15: **Ana Mendieta**, *Totem Grove* (exposição *Ana Mendieta: Traces*), vista de uma instalação, Hayward Gallery, Londres, 2003. Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

Com a morte da artista, em 1985, não sabe-se ao certo se as esculturas foram finalizadas e se deveriam ser expostas em conjunto ou separadas. Assim, na exposição *Ana Mendieta: Traces*, realizada em 2003 na *Hayward Gallery*, em Londres, foram preservadas as posições em que encontravam-se as esculturas no ateliê da artista.



Figura 16: **Ana Mendieta**, *Sem título*, (da série *Totem Grove*) escultura em madeira e pólvora, 1983-85. Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.

O fim da trajetória

A artista faleceu em 8 de setembro de 1985, aos 37 anos, em Nova Iorque, onde viveu parte de sua vida. Sua morte trágica é cercada por uma série de polêmicas e questionamentos, fato que contribuiu para a popularização de seu nome. Mendieta faleceu após cair da janela de seu apartamento, onde vivia com o escultor Carl Andre, com quem tinha um relacionamento.

Embora o acontecimento tenha sido declarado um acidente na época, em 1988, Carl foi julgado por assassinato e absolvido por não haver provas, o que causou grande revolta no meio artístico e feminista, isso por existirem relatos de que o casal havia brigado violentamente no dia. Ainda hoje, especialmente em Nova Iorque, grupos feministas realizam protestos e performances, questionando a morte da artista e criticando exposições em homenagem a Carl Andre.

Considerações finais

A arte de Ana Mendieta está profundamente relacionada à sua trajetória, suas descobertas e experiências culturais. Após contextualizar sua origem e abordar alguns dos elementos que compõem sua identidade, podemos perceber mais facilmente em suas obras a forte ligação com a natureza, o corpo feminino e a espiritualidade. Marcada pela separação prematura de suas raízes e absorvendo o núcleo de duas culturas intensamente opostas – tanto em relação às manifestações culturais e religiosas quanto ao idioma –, Ana Mendieta foi capaz de fundamentar sua arte criando um paralelo entre dois “universos”, incluindo a dicotomia vida-morte, presente em muitas de suas obras.

Nos temas retratados pela artista, quase sempre estão presentes elementos pertencentes à cultura afro-caribenha e à norte-americana, com a qual entrou em contato logo na infância. Além disso, em suas obras, é atribuída grande importância ao conceito de território, assim, o local onde são realizadas suas performances e fotografias representam parte essencial das obras. Logo, ao estabelecer ligações com diferentes países e culturas, suas obras são realizadas também em diferentes países e a partir de diferentes culturas.

Quanto ao corpo feminino, presente em quase todas as obras citadas neste artigo, Ana Mendieta estabelece uma conexão corpo-natureza/corpo-espaço, onde o corpo representa um

elemento de maior importância quando em contato com a natureza e o próprio espaço. Para a artista, conectar o corpo a um espaço é como reestabelecer sua própria conexão com a terra, elemento que poderia associar-se facilmente à ideia de existir.

Assim, por meio de diferentes manifestações e suportes, Ana Mendieta é capaz de criar um intenso, profundo e, inesperadamente coerente, diálogo entre os elementos que compõem sua identidade, suas experiências adquiridas em contato com diferentes culturas, o corpo como instrumento de ligação à terra e a própria terra como elemento divino. As obras da artista podem ser enxergadas como um perfeito exemplo do poder exercido pela identidade sobre a arte que é produzida, especialmente no que se refere à arte latino-americana, marcada profundamente por influências pós-colonização.

As influências europeias e norte-americanas vêm, ao longo dos anos, gerando um forte impacto sobre a arte latino-americana e, conseqüentemente, levam artistas latinos à uma série de questionamentos acerca de suas identidades e poéticas. Considerando o constante contato com essas referências externas, o ato de criação próximo à própria cultura se dá de forma muito mais complexa e difícil quando se está apoiado em um olhar estrangeiro, pertencente à outras culturas e costumes. Da mesma forma em que a arte busca suprir as necessidades de um determinado período, ela aproxima-se também do contexto em que vive o próprio artista.

Referências bibliográficas

BLOCKER, Jane. **“Body” in: Where is Ana Mendieta?** Duke University Press, EUA, 1999.

FRANCISCHETTI, Paula. **Algumas questões sobre o feminino e a arte de Ana Mendieta.** São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/estetica/index.php/anteriores/78-revista-1/9-2009-1-art6>>. Acesso em: 20.06.2017.

GALERIE LELONG & CO. **Estate of Ana Mendieta.** Disponível em: <<http://www.galerielelong.com/artists/estate-of-ana-mendieta>>. Acesso em: 13.05.2017.

LAGNADO, Lisette. Pedrosa, Adriano. **27ª Bienal de São Paulo: Como viver junto: Guia.** São Paulo, Fundação Bienal, 2006, 26 p.

MONTANO, Linda Mary. **Performance Artists Talking in the Eighties.** 1. ed. EUA: University Of California Press, 2000. 420 p.

NSU ART MUSEUM. **Covered in time and history: The films of Ana Mendieta.** 2016. Disponível em: <<http://nsuartmuseum.org/exhibition/covered-in-time-and-history-the-films-of-ana-mendieta/>>. Acesso em: 18.06.2017.

Revista Seminário de História da Arte
ISSN 2237-1923
VOLUME 01, Nº 07, 2018

VISO, Olga M. **Ana Mendieta: Earth Body, Sculpture and Performance 1972-1985**,
Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Smithsonian Institution, Washington DC, 2004.